

Vivências e interferências da ditadura

Lúcia Maria Bertini¹

Ao desenvolver trabalho acadêmico, tratando do percurso pessoal que me levou até a pesquisa, me deparei com minha própria história na ditadura, entre tantas do mesmo tipo. Não fui presa, não fui torturada, mas tenho a sensação de ter sido roubada. Eu e 90 milhões de viventes da época, que nascemos e crescemos sob a égide do período de exceção e tornamo-nos alienados naquela realidade que durou 20 anos e que perdurou mais outro tanto, indiretamente. São reflexões que apresento neste artigo em que resgato essa trajetória e contexto vivenciado, trazendo lembranças acompanhadas de melodias e encontrando-me com as principais características do processo de cerceamento geral da liberdade que se dá em períodos de exceção.

Neste caminho tive momentos de espera, de plantio e de colheita. Fruto de afeto, o período da gestação de minha filha marca a boa espera e o despertar deste caminho. Lembro-me da música de fundo que embalou sonhos e noites, Clareana², até seu nascimento,

- 1 Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Especialista em Gestão Pública Estratégica pela Universidade de São Paulo, Mestra em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Assessora de Cidadania na Secretaria da Justiça e Cidadania do Ceará. Email: lubertini.ce@gmail.com.
- 2 A música "Clareana", que virou uma espécie de canção de ninar em fins dos anos 70, destacou a compositora brasileira Joyce Moreno, que se projetou internacionalmente com o estilo samba-jazz. Compôs Clareana em turnê internacional pela saudade das filhas. Foi destaque antes, em festivais de música. Em 1967, com a canção "Me disseram", música polêmica cuja letra está na primeira pessoa do feminino, coisa rara nesta época, quando foi criticada como vulgar e imoral e defendida como feminista. Na segunda, em 1970, classificada com música dela e Nelson Motta, soube de "cartas marcadas" e seu grupo, na hora da defesa, tocou outra música em sinal de protesto. Ninguém entendeu, somente a TV Globo, organizadora, que a desclassificou, claro.

em 1995. Mariana recebeu o nome proposto pelo pai em referência a uma personagem forte na literatura nacional, uma militante do partido comunista, Mariana, de Jorge Amado (1954). A combinação entre arte e política em *Os Ásperos Tempos*, da trilogia *Os subterrâneos da Liberdade* deu contorno às nossas discussões políticas à época e buscou emprestar à nossa filha as esperanças de uma força militante que nos unia.

São pouco mais de 30 anos que separam o dia de hoje de um começo de vida civil democrática do Brasil, desde aquele ano da composição de Joyce, e o que me resta em grande escala são lembranças melódicas. Talvez porque no primeiro período, entre 1961 e 1980, vivenciei uma passagem suave em meio à truculência da Ditadura.

Sou uma filha da geração chamada X³, iniciada na vida de forma cuidadosa pela família tradicional e apresentada simultaneamente à televisão, que na época era modernidade e referência, imediatamente antes da predominância da *internet*. Não se falava em alienação, tampouco em ditadura, não em casa. Censura ativa e discreta. Esta a forma suave a que me referi anteriormente. Os programas da TV Globo, por sua vez, marcam este período. De 1965 a 1968, lembro de vários festivais de canções⁴. Em 1970, da Copa do Mundo. Em casa, sempre ouvindo as músicas que motivavam meus irmãos mais velhos e embalavam os devaneios poéticos de meu pai, desde a música popular brasileira até a música tradicionalista, passando por Chico Buarque,

3 Que se popularizou através do romance “Geração X: contos para uma cultura acelerada”, do canadense Douglas Coupland (1991), sobre os jovens do final dos anos 80 e seu estilo de vida. Referia-se a “baby bust”, assim nomeada por causa da queda da taxa de natalidade após a explosão demográfica nos EUA e conhecida como a geração da preguiça ou relaxada, na década de 1990, denominando uma geração marcada pela apatia. No Brasil, surgida em meados da década de 60 e estendendo-se até o final dos anos 1970, essa geração vivenciou acontecimentos como as “Diretas Já” e o fim da ditadura.

4 Festival da Música Popular Brasileira - MPB, uma série de programas transmitidos por algumas emissoras de televisão entre os anos de 1965 a 1985. Esses festivais consolidaram a música popular brasileira, além de revelar e consolidar grandes compositores e intérpretes da nossa música, como Elis, Chico, Caetano, Gil, Vandré. Depois do golpe militar passa a ser constituída uma música que protesta e que reflete a realidade do interior, dos camponeses e das camadas sociais menos favorecidas. São estes seus protagonistas.

Elis Regina e pelo Clube da Esquina⁵, até a música ativista e poética de Jayme Caetano Braun e Cenair Maicá⁶.

Minha família nuclear era considerada avançada, liberal, pela família mais ampla e vizinhos, quando aceitava os cabelos longos de meu irmão, um bem novo militante de esquerda, e o desejo precoce de autonomia pelo trabalho de minha irmã, uma mulher à frente de sua geração, as duas situações um pouco arriscadas porque novidades em costumes naquela época. Ao mesmo tempo, aquela sensação de ter sido roubada parcialmente, por um longo período. Explico: 1968, o ano que não terminou⁷, é o mesmo em que ingresso no jardim de infância. Na frente de casa, só atravessar a rua e brincar. Desde cedo, aprendi com meu pai que o que se passa lá fora é só o que passa, apesar de acompanharmos as notícias pela televisão e podermos ouvir as músicas de protesto. Mas estávamos com a revista *Veja*⁸, adquirida toda semana por muitos anos, e com a *Globo*⁹ nos

5 Clube da Esquina foi um movimento dos anos 60, de jovens músicos de Belo Horizonte, que produziam um som que fundia a Bossa Nova a elementos do jazz, do *rock'n'roll*, de música folclórica dos negros mineiros, de música erudita e hispânica. Nos anos 70, tornaram-se referência na MPB e disseminaram suas inovações e influência a diversos cantos do país e do mundo, com uma temática política mas subjetiva. O disco "Milagre dos Peixes" teve que ser feito, em grande parte, à base de vocalises, devido à censura de várias das letras.

6 Do folclore gaúcho, são autores do nativismo, movimento cultural cuja união está na identificação pessoal e na semelhança de produção artística de seus membros, mas que integram o Rio Grande do Sul, parte do Uruguai e da Argentina, fazendo referência a grande parte de seu bioma Pampa. Muitas vezes representando o patronato, também se agrupam em causas sociais, na proteção do meio ambiente, criticando o avanço da industrialização e o excesso do latifúndio, produzindo a exclusão social. Estes autores são desta estirpe e sua música o reflete.

7 1968, o ano que não terminou é um livro de autoria de Zuenir Ventura e conta os acontecimentos no Brasil neste ano. E aborda a agitação cultural que foi exterminada com o Ato Institucional nº5. Como diz Ventura, "essa ilusão acabou em 64; a inocência em 68" (VENTURA, 1989, p.44).

8 *Veja* é revista semanal, existente desde 1968. Lançada como uma revista de tendências de esquerda, a partir dos anos 90 passou a ser alinhada a ideais liberais e alinhada a ideias de direita e contrária a partidos de esquerda, particularmente ao Partido dos Trabalhadores - PT, conforme análise de jornalistas de esquerda, como Luis Nassif e Mino Carta, ambos processados pela revista.

9 A Rede Globo é vinculada às Organizações Globo, maior conglomerado de empresas do setor de mídia do Brasil, atuando também no setor de telecomunicações, conforme sua própria definição.

momentos de telejornal - Jornal Nacional e novelas das oito¹⁰. Por outro lado, a recorrência das músicas e atos de protesto chegavam até em casa, ladeados pelo silêncio atento de meu pai, pela indiferença generalizada dos vizinhos e professores e pela atenção quase sublimada de meu irmão que, se não saía nas ruas em protestos, se fazia orgulho de meu pai, que ouvia e deixava ouvir as tais músicas. Roubada, alienada, por um lado, embalada pelas músicas com corte certo e de orientação política aguda, por outro.

Em 1972, o Presidente Médici (1969-1974), depois de inaugurar em grande festival a televisão a cores, chega a afirmar: “Todas as noites quando vejo o noticiário, sinto-me feliz porque no noticiário da TV Globo o mundo está um caos e o Brasil está em paz. É como tomar um calmante depois de um dia de trabalho”. Hans Donner¹¹ e a imagem hipnótica da Globo já estavam operando nesta época.

Ouvindo histórias da ditadura, anos mais tarde, de companheiros do movimento sindical¹², entendi melhor a sensação que sempre me acompanhava de ter sido roubada neste período: enquanto eu tocava ao violão “As praias do Brasil ensolaradas”¹³, troavam no país a censura e a tortura. Não estava sendo roubada. A palavra certa seria alienada de uma realidade cruel em curso.

Existe um documentário que aborda este histórico de alienação e particularmente a manipulação da mídia frente aos diversos episódios em que interessa transformar os fatos, proteger o governo e alterar a realidade, particularmente a Rede Globo: Muito além do Cidadão

10 As “novelas das oito” tinham alta audiência e eram apresentadas pela Rede Globo às 20h, desde 1965.

11 Hans Donner é um designer austríaco naturalizado brasileiro. Trabalha para a Rede Globo de Televisão há muitos anos e foi o autor de seu símbolo nos anos 70.

12 Atuei junto ao movimento sindical – CUT e diversos sindicatos entre 1990 e 1998, onde se usa o termo “companheiros”, para tratamento entre os trabalhadores. Nas origens ibérico-castelhanas, a palavra é composta de con + pañero, que é alguém muito chegado, que come o pão conosco, ou que partilha conosco o pão.

13 ‘Eu Te Amo Meu Brasil’, de Dom e Ravel, era música cantada à época, como outro hino ufanista “Este é um país que vai prá frente”, dos Incríveis, assim como se fazia uso de frases de publicidade do Regime Militar: ‘Brasil, ame-o ou deixe-o’. Sabe-se da utilização do futebol e das exigências de associar a vitória com o regime.

Kane¹⁴, onde este contexto está integralmente ali retratado. No documentário, de saída, Armando Falcão, Ministro da Justiça entre 1974 e 1979, diz, orgulhoso da Rede Globo, que não havia nenhum privilégio nem monopólio:

A Globo nunca me deu trabalho [...] A Globo é frequentemente acusada do exercício de um monopólio de televisão. Há quem sustente que este monopólio representa um Estado dentro do Estado. Mas eu não participo desta opinião, porque o monopólio da Rede Globo se existe seria então o monopólio da competência (MUITO, 1993 s.p).

Em 1975, ocorre a morte de Herzog, jornalista chefe da TV Educativa de São Paulo, torturado e morto depois de se entregar voluntariamente quando chamado para depor. Notícia de suicídio do jornalista vem a público no Jornal Nacional. Depois, as novelas e outras atrações que eram oferecidas diariamente e prevaleciam na nossa residência como em muitas outras, davam conta de animar o espetáculo: Gabriela, folhetim inspirado num livro de Jorge Amado¹⁵, alcançou 100% de audiência; ou seja, de novo, 50 milhões de pessoas assistindo a Globo e poucos atentos ao que se passava no cotidiano da ditadura. Ainda, o fenômeno das discotecas no Brasil, em que vários vilarejos passaram a ter várias discotecas depois da novela *Dancing-days*, embalando os jovens, embora não tivessem nada mais a oferecer – serviços de saúde, por exemplo.

14 Documentário televisivo britânico proibido pela justiça no Brasil *Muito Além do Cidadão Kane* (*Beyond Citizen Kane*), de Simon Hartog, foi exibido em 1993 por uma emissora pública do Reino Unido. Mostra as relações entre a mídia e o poder no Brasil, detalha a posição dominante da Rede Globo na sociedade brasileira, debatendo a influência do grupo, seu poder e suas relações políticas. Acompanha o envolvimento e o apoio da Globo à ditadura militar brasileira e analisa as práticas da emissora vistas como manipulação.

15 *Gabriela Cravo e Canela* (1958) foi adaptado para a televisão e foi sucesso imediato. “Inocência e sedução pararam o Brasil em 1975 com a história da retirante que vai para Ilhéus em busca de uma vida melhor”, conforme notícia da própria TV Globo em 2012, quando o autor completaria 100 anos.

E a repressão não havia diminuído. Eu, terminando o segundo grau¹⁶, começando a sair de casa para festas, conhecendo o mundo *underground* das turmas do IAPI¹⁷, do Rock local e shows no Teatro Leopoldina¹⁸, da Praça da Redenção¹⁹ e dos caminhos da Universidade Federal. Vivi dois mundos simultâneos por vários anos até integrar a mesma pessoa, eu mesma. Tenho certeza que não fui a única. Estou tratando de uma censura que não me encarcerou, até mesmo desconhecendo minha existência, já que não representava ameaça à ditadura, e que mesmo assim exerceu sobre mim um forte poder, que se transmitiu pelo medo silencioso de meus pais, dos professores, da vizinhança, da comunidade, meu mesmo. E formou o imaginário do que seria nossa sociedade por muitos anos até os dias de hoje.

Melo e Ratton Jr (2012) abordam o trauma cultural do medo, equiparando a noção do trauma àquela utilizada na psiquiatria, em que algum impacto destrutivo se impõe sobre a personalidade de um sujeito, incapacitando-o física ou mentalmente. São eventos que possuem impactos, como o trauma psicológico, causando transtornos permanentes em determinados grupos sociais, reproduzidos em representações sociais, afetando a identidade coletiva e sendo em parte decorrentes da forma como os veículos de comunicação colaboram para sua re-

16 O Segundo Grau é a denominação antiga do Curso Médio, os mesmos três anos que finalizam o curso médio.

17 Vila do IAPI, conjunto habitacional afastado do centro de Porto Alegre, de 1953, planejada com a filosofia getulista de propiciar aos trabalhadores um bairro só seu e com toda infraestrutura. Em dez anos, os filhos dos primeiros moradores do bairro se tornaram adolescentes e o local um palco de 'cultura semi-proletária': artistas plásticos, atores, uns poucos universitários e muitos músicos. Disponível em Blog Rota Digital Sul, de Paulo Barbosa, "1963-2002: a ascensão & queda do rock do IAPI", por Arthur de Faria.

18 O Teatro Leopoldina foi inaugurado em 1963 e recebeu em 1964 a peça *My fair lady*, com Paulo Autran e Bibi Ferreira. Em 1968, recebeu Roda Viva, texto adaptado da música de Chico Buarque. Na primeira noite da temporada, militares à paisana distribuíram panfletos: "Hoje preservaremos as instalações do teatro e a integridade física da plateia e dos atores. Amanhã, não!" No dia seguinte, as paredes do Leopoldina amanheceram riscadas com ameaças. Intimidado, o elenco decidiu sair de Porto Alegre, não sem antes ter alguns de seus membros sequestrados, torturados e espancados, depois liberados.

19 O Parque Farroupilha (Redenção) é o parque mais tradicional e popular da cidade de Porto Alegre. Hospeda desde famílias, movimentos e muitas tribos jovens de Porto Alegre, no coração do Bairro Bom Fim.

cordação e reconstrução imaginativa, sendo determinante a abordagem jornalística.

As elaborações conceituais dos autores permitem uma reflexão sobre dois paradoxos: o primeiro, sobre o silêncio de que falo acima, em um pacto imaginário durante e sobre o período da Ditadura, o mesmo que reinava na minha residência; o segundo, sobre a forma como a mídia sempre abordou a violência e compartilhado, quase que *online*, os crimes violentos na contemporaneidade. Isto tem seus efeitos no imaginário social, do que é preciso falar.

Na pesquisa que faz o documentário de Simon Hartog (MUITO, 1993), também é possível constatar que a TV Globo era censurada, como todas as outras. Mas, diferente das outras, exaltou a Ditadura e a protegeu. Teve papel fundamental e profundo na nossa cultura e na clareza ou falta dela sobre a realidade brasileira. Sobre isto, Maria Rita Khel afirma: “A impressão que eu tenho é que a Globo conseguiu, melhor do que qualquer política repressiva, de proibição e de censura, alterar a consciência do brasileiro sobre a sua condição”. (KHEL apud MUITO, 1993 s.p). A autora traduz o âmago da ditadura e sua forma de ser através da imprensa, um faz-de-conta que acaba por manipular a opinião pública e que nos faz entender fundamental a consideração ao papel determinante da mídia ou dos meios de comunicação na produção direta e indireta do medo, do crime e da violência.

E a música da vez, cuja melodia é fundo na leitura de Khel (1993), é do Rappa, grupo de música com status de movimento social, que traz a reflexão sobre esta cultura de passividade e de omissão que nos imobiliza socialmente, fruto simultâneo da escravidão herdada e da ditadura militar imposta, conforme Aredes (2007), que analisa a construção do sentido na canção Minha Alma²⁰, com seus versos contundentes:

20 Letra da música Minha Alma: “A minha alma está armada /E apontada para a cara /Do sossego /Pois paz sem voz /Não é paz é medo. Às vezes eu falo com a vida /Às vezes ela é quem diz /Qual a paz que eu não quero conservar/ Pra tentar ser feliz. As grades do condomínio /São pra trazer proteção /Mas também trazem a dúvida/ Se é você que está nessa prisão /Me abrace e me dê um beijo /Faça um filho comigo /Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo”.

O enunciador diz que quando assiste a ‘drogas de aluguel’ no vídeo, sente-se sem ação, com a ‘paz sem voz’ com medo, acuado, um sujeito passivo, submisso, coagido, sem ação própria. Ao mesmo tempo, ao assistir à televisão, ele se torna ‘detentor de um certo saber’, ele tem ciência de que há um conflito. Vídeo, na canção, é usado como sinônimo de televisão (...) em que as drogas de aluguel ‘distraem’ (...), mas também ‘coagem’ (...). De quem é o conflito afinal: ‘da alma’ (parte do eu) que relacionamos com apenas uma parte da sociedade – os excluídos dos morros, (...) das periferias de todo o Brasil – da parte menos favorecida, aquela que não vive em condomínios, mas à margem dos benefícios sociais? Do ‘eu’ do enunciador, que é ainda ‘apenas um’ indivíduo dentro da sociedade, ou do interlocutor, um ‘você’ (...)? De quem é o conflito, afinal? (AREDES, 2007, p.4).

Neste contexto, aparecem também os interesses econômicos e políticos envolvidos. No fim da ditadura militar, Roberto Marinho era um dos três principais bilionários brasileiros com negócios em todas as áreas econômicas. Gabriel Priolli, jornalista e professor, aponta “um casamento de interesses com o governo, e o governo também precisa, porque qualquer governo de um país de 150 milhões de habitantes, que tem quase 100 milhões de espectadores, precisa de 70% de audiência” (PRIOLLI apud MUITO, 1993, s.p). Com a volta do governo civil, esta mesma rede apoiou o candidato Tancredo²¹: horas depois de sua eleição, o Presidente do Brasil almoçava com o Presidente desta rede de televisão. Depois da morte de Tancredo, toda assistida na televisão, desponta o jornalista Antônio Britto, que narrava cada passo da coação nacional²² e se projetou o suficiente para se tornar governador do Rio Grande do Sul anos mais tarde. Há que se observar que muito mais facilmente que se possa supor encontraremos o incrível histórico de jornalistas, comentaristas, animadores de programas de televisão,

21 Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil em 1985 pelo colégio eleitoral, mas faleceu na véspera da posse. O vice-presidente tomou posse em seu lugar. Considerado moderado, sempre se opôs à ditadura e à intervenção americana no golpe de 64, foi governador de Minas Gerais e ativista da campanha pelas Diretas Já.

22 O jornalista teve uma meteórica carreira política depois de porta-voz, chegando a deputado federal, a ministro da Previdência e, finalmente, a governador do estado do Rio Grande do Sul.

radialistas, narradores de futebol, transformados de campeões de audiência em campeões de voto. E fica a clareza de que se trata de mais um efeito da ditadura que nos deixa legados retrógrados a serem ainda conhecidos em sua amplitude, com toda a pesquisa que já se produz desde seu fim oficial.

Este fim me encontra com 24 anos. De alguma forma, porque o tempo se faz parceiro, e penso que sempre precisaria ser assim, fui caminhando para fora desta alienação, através da saída para a rua, para a faculdade, para trabalhar, ganhar o mundo, para viver uma vida própria, consolidando uma vida adulta, para viver este ar de abertura e de liberdade, que se anunciava no Brasil. Caetano Veloso, preso no ano de 1968, agora compunha o *Cinema Transcendental* e nele a *Oração ao Tempo*²³, que muito marcou, pela lembrança difusa mas cada vez mais reconstruída de tudo o que se viveu. Leituras, novos discos, novos tempos, novos horizontes. Tempos de recapitulação, como se coloca neste artigo.

E a arte traduz para sempre as agruras perpetradas pela ditadura. E desfilam na nossa herança musical todos os artistas que na década de 60 foram perseguidos e muitas vezes calados pelo regime de exceção. E as brechas se fizeram para que os pesares fossem cantados. Como ocorreu em *Cálice*²⁴, metáfora com o verbo calar que é um hino que denuncia a dor de uma época, impondo a necessidade de um grito poético²⁵. Através da música, o medo e o terror impostos pelo Estado eram sublimados, “numa sociedade ameaçada

23 “Oração ao tempo” é uma composição que tem a interpretação de Caetano Veloso e está no álbum *Cinema Transcendental*, de 1979.

24 *Cálice* é composição de 1973 gravada somente em 1978, por Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil. Na ocasião da composição, censurada, os autores tentaram apresentá-la, somente cantando o refrão “Calice” e os microfones deligados. Metáfora que conta sobre a situação social durante a ditadura, os autores denunciam mortes, tortura e repressão do regime militar e invocam a necessidade da liberdade, da igualdade e da superação.

25 Conforme Documentário “Canções do exílio, a labareda que lambeu tudo” (2011), que reúne entrevistas de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, Jorge Mautner e Paulo César Pereiro, todos censurados, onde refletem sobre os acontecimentos decorrentes do cárcere, da vida no exílio e da volta para casa. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/canal-brasil-exibe-documentario-sobre-exilio-nesta-quarta-feira-3640686#ixzz5AoEYAgVk>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

pelo silêncio da censura e pela voz hegemônica do poder autoritário” (NAPOLITANO, 2010, p. 391):

Naqueles anos, ouvir uma canção, ainda que nos limites de um espaço privado, poderia ser um ato de consciência cívica e crítica, por meio do qual se realizava uma espécie de ritual de pertencimento à parte crítica da sociedade civil e negação dos valores inculcados pelo regime. (NAPOLITANO, 2010, p. 392)

Wisnik (1980, apud NAPOLITANO, 2010, p. 391) fala de uma “rede de recados contra a ditadura” articulada pela Música Popular Brasileira – MPB, resistindo sistematicamente e mantendo em sua pauta os temas sociais e políticos, expressando a consciência da população e os sentimentos profundamente reprimidos, mantendo uma cultura de resistência que se manifesta para além das palavras, usando “os ritmos do corpo, da música, da linguagem (...) onde o conceitual é apenas um dos seus movimentos: o da subida à superfície”.

Esta música de enfrentamento e resistência ao regime me permite hoje uma sensação de presença naquela época, cantando, mesmo sem sequer ainda supor as atrocidades perpetradas pela ditadura. E diminui essa alienação de que trato, que se revestiu em uma espécie de proteção, apesar do desconforto e da sensação de ausência daquele período.

Vivemos ainda um tempo que é refém daquele período, e a máxima “Para não esquecer, para nunca mais acontecer” trata de lembrar o que se passou, como forma de superar este período. A Justiça de Transição e os direitos à Memória e à Verdade, à Reparação e à Reforma Institucional são fundamentais para que este legado de atrocidades seja reconhecido e sobrepujado.

A transição da ditadura para a democracia, no Brasil, para Emir Sader (2012), se revestiu de um processo híbrido, em que a própria ordem conduziu o processo democrático. Perdendo a possibilidade de eleger seu primeiro Presidente da República, o país herdou o presidente do partido da ditadura como primeiro presidente civil, José Sar-

ney, caracterizando um transformismo gramsciano²⁶, em que se muda a forma de dominação para preservar seu conteúdo. Esta transição traz elementos de superação mas mantém determinadas armações que levam tempo para ser desarticuladas.

A Criminologia Crítica vem em nosso auxílio para a explicação deste processo de continuidade, disfarçada, das práticas autoritárias no Brasil. Nilo Batista (2008, p. 2) aborda o desenvolvimento de estado penal e previdenciário e faz referência ao conjunto de agências policiais que no período da ditadura operaram “numa espécie de estado de exceção continuado e implícito, prendendo, torturando e por vezes matando o ‘inimigo interno’ do regime”. Também Wacquant (1999, p.3), em *Prisões da Miséria*, aborda a tradição de controle dos miseráveis pela força, de origem na própria escravidão e reiterada no período da ditadura, de onde se origina a compreensão de que a defesa dos direitos se identifica com a “tolerância à bandidagem”.

Na música, desde os anos 80 e 90, ao mesmo tempo em que recebemos a influência de bandas internacionais, que lutavam contra a intolerância religiosa, trazendo causas humanitárias e ambientalistas, surgem nomes nacionais associados ao rock, oferecendo estilos variados e muitos protestos contra os problemas sociais existentes no Brasil, as contradições do processo neoliberal e as enormes desigualdades identificadas. Grupos como Legião Urbana, Plebe Rude, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial e Titãs questionam a supremacia americana sobre o país, destaca-se o clássico “Geração Coca-Cola”, da Legião Urbana, que oferece ruidosas boas vindas à democracia brasileira. Fazem parte do espírito de uma geração comprometida com a construção da democracia brasileira, conforme o Memorial da Democracia²⁷. Embora focadas em temas de amor e identidade, conforme analisa Grangeia (2016), estas obras expressam os tempos da transi-

26 Antônio Gramsci (1891 – 1937) filósofo do século XX, co-fundador do Partido Comunista Italiano, traz o conceito de revolução passiva ou transformismo como categoria fundamental para compreender a formação do Estado burguês moderno na Itália. O Estado brasileiro foi substituído das classes sociais em sua função de conduzir a transformação social.

27 Memorial da Democracia. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/page/bronca-social/estilos/rock>>. Acesso em 15 mar. 2018.

ção democrática e trazem a crônica de uma sociedade em mudança, que critica um modo de vida consumista e vazio. Cazuza grita “Brasil, mostra a tua cara”²⁸, explicitando uma sociedade em decadência.

Com imensos contingentes vinculados à periferia em nosso país, submetidos ao processo liberalizante que só aprofunda a pobreza e fortalece a sua criminalização, nós nos encontramos em um país que toma a rota contrária no cenário mundial, concorrendo a tornar-se primeiro em encarceramento, forjando um forte Estado Penal. Soa a música de Luana Hansen – Funk da Realidade²⁹. Estilo de música que representa multiplicidade cultural, traduzindo uma prática sociocultural complexa e refletindo elementos do contexto no qual é praticado, o Funk, como o Rap, se mostra atravessado por questões relacionadas à violência, à sexualidade, ao mercado e à grande mídia, que permitem mesmo entender nossa contemporaneidade (PEDRO, 2015).

Aqui mais uma vez a música se apresenta como instrumento de manifestação e está posicionada para externar as manifestações contra as desigualdades sociais, raciais e religiosas de nossa época. Uma música que traz, ao mesmo tempo, a característica de consumo e volatilidade das relações e da própria vida nestes tempos. Marcos Napolitano (2000, *apud* Souza, 2005, p.13), diz que “as canções (...) constituem um importante artefato, junto com outras fontes (...), para revelar zonas obscuras das histórias do cotidiano”. São afinal memórias que se contam melodicamente, que permitem percebermos o tempo vivido, a superação e as crises de cada época, de forma sensível.

E assim também o fiz, tateando, por não ser profissional da arte, mas me apropriando da musicalidade de cada época para seguir na compreensão destes tempos em que vivemos. Duros tempos, de herança ditatorial, de dificuldade democrática, de golpe civil, desta feita, neste século. De forma a seguir, buscando construir a história neste mundo e percebendo-a como minha trajetória, com a crença de que

28 Geração Coca Cola, do álbum Legião Urbana, de 1985, pela EMI Music. E Brasil, do Álbum Ideologia, Cazuza, 1988.

29 Ver em Músicas para discutir o sistema prisional, disponível em: <<http://nadapop.com.br/13-musicas-para-discutir-o-sistema-prisional/>>. Acesso em: 29 fev. 2018.

novas melodias serão sempre compostas, traduzindo a esperança, a resistência e, ao mesmo tempo, revelando os temores de cada época.

Esperança que, desejo, possa seguir embalando nossas crianças e dando suporte ao desembaraçamento dos medos e silêncios neste percurso. Ouso fazer uso aproximativo da proposta das Clínicas do Testemunho³⁰ para escrever estes apontamentos, baseando-me em leituras aproximativas, refletindo sobre esta nossa história, entendendo a necessidade de superar os tempos vividos por todos nós, e considerando a reconstituição e reparação desta que é uma memória coletiva, social, da qual faço parte. E coloco este artigo de reconstituição de memórias musicais e da história através de uma singela e incipiente pesquisa documental, experimentando uma reparação pessoal.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Jorge. **Os ásperos tempos**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1954.

AREDES, Maria Rita. “Minha alma: construção do sentido na canção do Rappa”. In: **Cadernos de Semiótica Aplicada**. Vol. 5.n.1, agosto de 2007.

BATISTA, Nilo. **Introdução crítica ao direito penal brasileiro**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Rcvun, 2007.

CANÇÕES do exílio - Uma labareda que lambeu tudo (Multipress Digital). Direção: Geneton Moraes Neto. Documentário, Rio de Janeiro/RJ, 2010. 1DVD.

GRANGEIA, Mario Luis. **Brasil: Cazuza, Renato Russo e a transição democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

30 A Clínica do Testemunho pretende reparar e reintegrar à nossa história as violências perpetradas pelos agentes da ditadura civil-militar. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/anistia/projetos>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MELO, Patricia Bandeira de; RATTON JR, José Luiz de Amorim. **Histórias que a mídia conta: o discurso sobre o crime violento e o trauma cultural do medo**. 2010. Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MUITO Além do Cidadão Kane (Beyond Citizen Kane). Produção de Simon Hartog. Reino Unido: Channel 4, 1993. 1 DVD.

NAPOLITANO, Marcos. “MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982)”. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 389-402, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24/11/2017.

PEDRO, Tomas Garcia. **Funk brasileiro, musica, comunicação e cultura**. 2015. Dissertação (Mestrado Comunicação e Semiótica). Curso de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SADER, Emir. “As heranças malditas da Ditadura”. In: **Carta Maior**, 2012. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/blog/blog-do-emir/as-herancas-malditas-da-Ditadura/2/27109>>. Acesso em: 18/06/2015.

SOUZA, Fábio Francisco Feltrin. **CANÇÕES DE UM FIM DE SÉCULO: História, música e comportamento na década encontrada**, 2005. Programa de Pós Graduação (Mestrado) em Historia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102762>>. Acesso em: 24/03/2016.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

WACQUANT, Loic. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.